



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I | maio.-out. 2017

p. 372-387.

A rede digital como catalisadora de espaços informativos em torno das marcas da diferença: uma análise da página Cartazes e Tirinhas LGBT

Christian Gonzatti¹

RESUMO: O artigo busca entender como a página Cartazes e Tirinhas LGBT aciona e espalha saberes relacionados a questões de gênero e sexualidade e o que isso sinaliza em relação ao jornalismo. Parto de um tensionamento dos conceitos de convergência e de espalhamento, a partir das dinâmicas das redes digitais para, então, entender resumidamente o cenário jornalístico em torno das questões de gênero, raça e sexualidade, nomeadas como marcas das diferenças, e como os coletivos midiáticos podem sinalizar novas possibilidades comunicacionais para essas temáticas. A partir da pesquisa *insider*, do olhar exploratório e da construção de uma amostra qualitativa intencional, concluo que há um cenário de transformação política e jornalística acionado pela ação de espaços como a página Cartazes e Tirinhas LGBT.

PALAVRAS-CHAVE: redes digitais; coletivos midiáticos; gênero; sexualidade; jornalismo.

Abstract: The article seeks to understand how the webpage “Cartazes e Tirinhas LGBT” triggers and spreads knowledges about gender and sexuality issues and mobilizes reflexion on journalism. Starting with a tensioning of the concepts of convergence and spreadability, from the dynamics of digital networks to, then, briefly understanding the journalistic scenario around issues of gender, race and sexuality, known as difference markers, and the way media collectives can indicate new communicational possibilities concerning those issues. Through *insider*, exploratory survey and constructing an intentional qualitative sample, it is concluded that there is a shifting scenario of political and journalistic transformation triggered by the action of web spaces such as “Cartazes e Tirinhas LGBT”.

Keywords: digital networks; media collectives; gender; sexuality; journalism.

Resumén: El artículo busca entender cómo la página del Facebook Cartazes e Tirinhas LGBT dispara y difunde el conocimiento relacionado con el género y la sexualidad y lo que se señala en relación con el periodismo. Empezo por un tensionamiento de los conceptos de convergencia y propagación, entendidos a partir de la dinámica de las redes digitales, para luego entender brevemente la escena periodística en torno de la cuestiones de género, raza y sexualidad, nombrados como marcas de diferencias, y cómo los medios de comunicación colectiva puede ser señal de nuevas posibilidades de comunicación de estas cuestiones. De la investigación *insider*, de la mirada exploratoria y de la construcción de una muestra cualitativa intencional, llego a la conclusión de que hay un cambio político y periodístico de escenario provocado por espacios de acción como Cartazes e Tirinhas LGBT.

Palabras clave: redes digitales; comunicación colectiva; género; sexualidad; periodismo.

¹ Mestrando em Ciências da Comunicação na linha de pesquisa de Linguagens e Práticas Jornalísticas pela UNISINOS.

Recebido em 20/02/17

Aceito em 25/04/17

1. Introdução

Uma das principais potencialidades das redes digitais, ou sites de redes sociais, terminologia utilizada por Recuero (2014), é a quebra de fronteiras geográficas. Muitas pessoas relatam que reencontram, através da possibilidade acionada pelo botão ‘adicionar aos amigos’ do Facebook, colegas da infância, vizinhos, parentes distantes e por aí vai. Comigo não foi diferente. No início de 2016, recebi e aceitei a solicitação de amizade de uma antiga vizinha, que havia sido muito amiga da minha mãe e acompanhou toda a minha infância. Ela, empolgada, começou a fazer várias perguntas sobre como as narrativas pessoais da minha família se desdobraram após a sua mudança do bairro, ao mesmo tempo em que ia curtindo e comentando as fotos do meu perfil. Receosa, através de um ‘prfvr, não se ofenda’, ela diz que sempre soube que eu era ‘homossexual’ - o que ela notou através das fotos que eu havia publicado com o meu namorado, as quais ela fez questão de comentar - e eu, buscando quebrar o clima tenso de muitas pessoas heterossexuais que, na intenção de não serem preconceituosas com LGBTs, utilizam terminologias sérias e que fogem às conversações que elas têm muitas vezes no seu cotidiano, disse que sempre fui gay, sempre fui bicha e estava, a cada dia, mais bicha, igual um Pokémon - uma frase que obteve visibilidade e foi incorporada no vocabulário de muitas pessoas LGBTs² através da circulação em redes digitais da produção audiovisual *Bichas, o documentário*³. Continuamos a conversação, a partir daí, de maneira mais fluída e sincera, e ela me contou que um dos filhos também era gay, pois estava namorando um homem - eu, sem desenvolver muito o assunto, deixando de apontar que o filho dela poderia ser bissexual, que gay não era a única orientação sexual, disse que ficava feliz por ela não ser uma pessoa preconceituosa. Durante a semana, ela curtiu todos os meus compartilhamentos, o que, ao meu ver, era uma forma de demonstrar a concordância com o sentido que elas possuíam. Muitos deles vinham da página do Facebook, ou *fanpage*, Cartazes e Tirinhas LGBT⁴, que se apresenta como um espaço destinado a combater o preconceito e a ignorância. Alguns dias depois, ela me chama novamente por mensagem para avisar que estava enganada, que o filho dela não era gay como eu - o primeiro pensamento que me veio em mente é que ela estava arrependida de ter contado a sexualidade dele para uma pessoa não mais tão próxima e que estava com receio que eu espalhasse isso e gerasse algum constrangimento para ele - pois ele namorava uma mulher, a

² Lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans/travestis.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU>. Acesso: 07 dez. 2016.

⁴ Para acessar a página no Facebook: <https://www.facebook.com/CartazesLgbt/?fref=ts>. Acesso: 07 dez. 2016.



namorada dele não era homem por ter um pau⁵. Entendi na hora: o filho namorava uma mulher transexual que não havia passado por uma redesignação de genitália. Ela disse que havia aprendido tudo ‘naquela página que eu gostava’, referindo-se à Cartazes e Tirinhas LGBT. Fiquei surpreso e feliz, pois uma pessoa com ensino fundamental incompleto, que ao olhar de muitos pode ser ignorante, conseguia demonstrar um domínio de saberes que, por exemplo, colegas acadêmicos e acadêmicas, conforme tenho notado em minhas vivências, não conseguem encarar como algo simples: o sexo, assim como o gênero são construções sociais e culturais (BUTLER, 2003), o que já está evocado, em partes, na célebre frase da pensadora feminista Simone de Beauvoir (1967, p. 9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

As redes digitais (RECUERO, 2014), levando em consideração alguns princípios norteadores da ideia convergência (JENKINS, 2008; AQUINO BITTENCOURT, 2012) e de espalhamento (JENKINS, FORD, GREEN, 2014), potencializaram a emergência de espaços que podem ser denominados como coletivos midiáticos (AQUINO BITTENCOURT, 2015). A mídia de massa, ao não cobrir com devida atenção questões relacionadas à temáticas subalternizadas, como as de gênero e sexualidade, abandona a sua possibilidade de funcionar como um dispositivo pedagógico (FISCHER, 2002), contribuindo com a reprodução de desigualdades e preconceitos (VEIGA DA SILVA, FONSECA, 2016) em nossa sociedade. Questiono, aqui, portanto, como a página Cartazes e Tirinhas LGBT aciona e espalha saberes relacionados a questões de gênero e sexualidade? E o que isso sinaliza em relação ao jornalismo? A primeira parte busca contextualizar os aspectos da convergência e do espalhamento que contribuem para responder a problemática, a segunda se desdobra sobre a relação do jornalismo com as marcas das diferenças (MISKOLCI, 2015)⁶, seja no cenário massivo ou em algumas práticas de coletivos midiáticos, e a última traz a análise da página Cartazes e Tirinhas LGBT, tendo como pressupostos os conceitos já apresentados.

2. Um olhar transviado da convergência e do espalhamento

Jenkins (2008) pensa a convergência a partir das possibilidades técnicas e sociais dos meios de comunicação, da cultura participativa e da inteligência coletiva. Aquino Bittencourt (2012) apresenta três princípios norteadores da ideia da convergência: a conexão, a interatividade e participação e a materialidade, a partir do entrelaçamento de três níveis, o técnico, o social e o cultural. O

⁵ Em uma perspectiva *queer*, algumas autoras vão defender um posicionamento menos higienizado a partir da linguagem - como Bourcier (2013) e Preciado (2014), por exemplo.

⁶ Miskolci utiliza o termo marcas das diferenças para falar de pessoas que, por estarem fora da ordem hegemônica - branca, heterossexual, cisgênera, masculina - são oprimidas.



espalhamento⁷ (JENKINS, FORD, GREEN, 2014) é um conceito que busca explicar a forma como alguns conteúdos são espalhados pelos espaços digitais, constituindo redes e valores que fogem às lógicas exclusivamente mercadológicas. Esses aspectos vão marcar alguns dos processos convergentes que ressignificam e potencializam, em nossa sociedade, diversas práticas comunicacionais.

A forma como Jenkins (2008) e Aquino Bittencourt (2012) pensam a convergência está entrelaçada - a convergência dos meios de comunicação conversa com os pressupostos da conexão, por exemplo - portanto, desdobrei algumas colocações dos dois autores a partir de um cenário marcado por

[...] publicitários tentando alcançar um mercado em transformação, artistas criativos encontrando novas formas de contar histórias, educadores conhecendo comunidades informais de aprendizagem, ativistas desenvolvendo novos recursos para moldar o futuro político, grupos religiosos contestando a qualidade de seu ambiente cultural e, é claro, várias comunidades de fãs, que são as primeiras a adotar e usar criativamente as mídias emergentes. (JENKINS, 2008, p. 37).

No cenário da publicidade, levando em conta que há uma proliferação constante de dispositivos e ferramentas de comunicação social que reconfiguram as práticas mercadológicas, sociais e culturais (AQUINO BITTENCOURT, 2012), as campanhas devem, cada vez mais, articular as possibilidades dos meios de comunicação inovando narrativamente e mantendo a estética conceitual - o vídeo que será veiculado na televisão possui uma versão para o YouTube, um *layout* em imagem para o Facebook - que valorize os seus aspectos espalháveis - e por aí vai. Em relação as temáticas de gênero e sexualidade, é possível notar um avanço de ações publicitárias que se apropriam, mesmo que com muitas ressalvas, de narrativas em torno de LGBT's - é o caso do vídeo de Dia dos Namorados da O Boticário (GONZATTI, AQUINO BITTENCOURT, 2015) e dos anúncios em torno do beijo lésbico da novela Em Família (GONZATTI, ESMITIZ, SCOPEL, 2015), por exemplo - e que buscam visibilizar esses conteúdos através do espalhamento em sites de redes sociais.

A cultura da participação, assim como a ideia de interatividade, está diretamente ligada com as possibilidades que um conteúdo possui de ser espalhado nas redes digitais. Era, e ainda é, comum o termo viral para tratar de produções que desenvolviam muita visibilidade através de processos digitais, mas, como problematizam Jenkins, Ford e Green (2014), a ideia de viralização remete a uma audiência passível de ser infectada por um compartilhar construído por ações mercadológicas, já a de espalhamento demonstra que os públicos compartilham conteúdos que remetem a interesses

⁷ A versão original, "Spreadable Media", foi traduzida para o português como "Cultura da Conexão". A tradução literal do termo "spreadable", que seria espalhável, foi traduzido como propagável. Por concordar que a tradução literal conversa mais com as ideias metaforizadas e exemplificadas pelos autores, tomei a liberdade de inseri-la no texto no lugar da tradução oficial.



sociais e culturais. Portanto, a participação, que se refere a reação dos públicos, os seus comportamentos e a incorporação deles nos processos de produção comunicacional, e a interatividade, que se volta aos mecanismos interativos que possibilitam escolhas e personalizações de conteúdo (AQUINO, BITTENCOURT, 2012), em um cenário convergente, desenha possibilidades para artistas, que desenvolvem obras que fogem à lógica da mídia de massa, terem os seus conteúdos visibilizados - podendo, inclusive, desenvolver um caminho para o cenário massivo. É o caso do curta *Eu não quero voltar sozinho*⁸, que trata do envolvimento romântico de dois meninos, um deles cego, e que, após ser espalhado e obter participação dos públicos em espaços interativos, deu origem ao filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (dirigido por Daniel Ribeiro e lançado em 2014), ou ainda de diversos outros documentários que tratam de temáticas *queer* (MARCONI, 2015), que fogem à lógica heterossexual e masculina/feminina.

As materialidades afetam as possibilidades comunicativas dos meios de comunicação (AQUINO BITTENCOURT, 2012). Antes, quando os computadores, por exemplo, eram uma das principais formas de acesso à internet, seria quase impossível uma pessoa ir para um protesto e transmitir a sua participação nele ao vivo na linha do tempo do Facebook, mas na atualidade é cada vez mais comum as transmissões simultâneas - uma prática que vem sendo apropriada para relatar até o mesmo cotidiano para as amigas e amigos. A educação também é afetada por esses processos quando, por exemplo, um processo de discussão pedagógica que inicia em sala de aula é levado para grupos do Facebook, ou ainda para sites como o Medium, nos quais cada atriz/ator social pode fazer colocações através das materialidades possíveis nesses espaços. Eu, por exemplo, não pude estar presente fisicamente no I Seminário Queer, que ocorreu nos dias 9 e 10 de setembro de 2015, no Sesc Vila Mariana em São Paulo, tendo como destaque a filósofa Judith Butler, uma das principais referências sobre o tema no mundo, mas, através da disponibilização das falas do evento no YouTube, pude absorver a apresentação da autora⁹ e ainda espalhá-la através de ações interativas propiciadas pelas redes digitais, evidenciando o papel das interações e das práticas comunicativas nos processos de convergência (AQUINO BITTENCOURT, 2012).

A inteligência coletiva (LÉVY, 2010) refere-se ao modo como grupos compartilham conhecimentos e absorvem aprendizagens e pensamentos, entre outros processos, através de navegações transversais em espaços de informação abertos. Essas potencialidades não são apropriadas apenas para disseminar saberes, mas também servem para criar formas de ataque

⁸ Para assistir ao curta: <https://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbI>. Acesso: 08 dez. 2016.

⁹ Para visualizar a fala: <https://www.youtube.com/watch?v=IkLS0xMo-ZM&list=PLtukD4KW-eVKg0ScgFBnxli5LfjsNRzjq>. Acesso: 08 dez. 2016.



organizadas que, articulando fascismos e discursos religiosos fundamentalistas, disseminam discursos de ódio pelas redes digitais, criando ambientes de intensas disputas que integram o nosso cenário social e cultural. Páginas que buscam pautar temáticas feministas, LGBTQs e raciais sofrem constantes ataques que buscam, a partir das brechas algorítmicas do Facebook, barrar os avanços desses movimentos que, constantemente, também se articulam para tentar, através de denúncias, impedir a disseminação de preconceitos.

As várias comunidades de fãs que, como coloca Jenkins (2008), são as primeiras a adotar e usar criativamente as potencialidades da convergência midiática, usam, desde a sua gênese, a inteligência coletiva para desenvolver, a partir de táticas e estratégias específicas, narrativas que valorizam aspectos não atendidos pelas grandes produtoras - como histórias que valorizam os sentimentos das personagens ou relacionamentos gays, vistos como não pertencentes a ordem masculina heterossexual que seria, ao menos no início da década de 90, o principal público de séries como *Star trek*. Ou ainda, para aprofundar as relações sexuais obliteradas por conservadorismos enraizados na sociedade, como faziam as fãs de *A bela e a fera* - a série de 1987 (JENKINS, 2015). Essas dinâmicas demonstram como as pessoas, ao consumirem produções midiáticas, sejam elas da ordem ficcional ou não, conseguem agenciar as suas percepções e encontrar formas que, ainda que não consigam explodir as noções hegemônicas, vão as reconfigurando lentamente.

As redes digitais, ao trazerem informações sobre sentimentos coletivos, tendências, interesses e intenções de grupos a partir de conversas públicas que influenciam a cultura e a sociedade (RECUERO, 2014), articulam as noções vistas de convergência e espalhamento em diversos processos sociais. Não acredito, a partir das minhas experiências empíricas de pesquisa, que, como coloca Parisier (2012), elas sejam espaços que não possibilitam ações sócio-políticas e que, devido aos filtros, têm criado ignorâncias e hegemonias informativas que isolam as pessoas em bolhas - o oligopólio midiático da América Latina, nesse sentido, por exemplo, é muito mais problemático (MALDONADO, 2016)¹⁰ - a maneira como ele chega a essas conclusões partem de um olhar tecnicista e subjetivo que não integra as dinâmicas e possibilidades de agência humana, além de entender a mídia tradicional a partir de noções apaixonadas que obliteram grandes problemas, como a reverberação de preconceitos a partir do jornalismo massivo. Há, sim, muita ignorância reverberada nas redes digitais, pessoas fechadas ao diálogo - e os algoritmos são, conforme ele aponta, uma

¹⁰ Consideração tomada a partir dos comentários do professor Efendy Maldonado, na disciplina de Mídias, Identidades Culturais e Cidadania, do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos. Ele coloca que as grandes empresas de mídia, na América Latina, são dominadas por pouquíssimas famílias e que elas detêm grandes poderes e interesses econômicos - daí decorrem muitos posicionamentos políticos que atravessam os sentidos das produções comunicacionais hegemônicas.



barreira para o espalhamento de conteúdos, mas o autor ignora que eles podem sofrer rupturas a partir de táticas e estratégias que se articulam aos grupos dessa rede digital, por exemplo. Algumas dessas barreiras emergem de problemas socioculturais que vão muito além desses espaços e que possuem uma historização que remete a tempos em que morrer queimada na fogueira era muito mais possível do que entrar em contato com uma pessoa que está em outro continente.

3. Jornalismo, coletivos midiáticos e marcas da diferença

Historicamente, como sinaliza a pesquisadora Swain (2010), o que mais se aproxima daquilo que entendemos como feminino é passível de violências físicas e simbólicas. Os saberes antigos, por exemplo, eram relacionados às mulheres e deusas, mas com o passar dos anos, a partir da imposição de um saber masculino e, em grande parte, cristão, o que se aproximava dessa lógica passou a ser punido, ceifado: as entidades religiosas femininas passam a dar lugar a um deus único, masculino e agressivo, as práticas fora da norma imposta pela lei cristã passam a serem enxergadas como associadas ao demônio e tudo aquilo que se opõe a uma crença que vê no masculino o poder é passível de correção. Desses processos, muito mais complexos do que esse resumo apresentado, emerge uma subordinação social e cultural dos corpos denominados como sendo os de mulheres - antes disso um corpo com vagina era entendido como uma versão não desenvolvida de um corpo com pau, o que o tornava menos - que, mais contemporaneamente, passaram a reivindicar os seus direitos a partir dos movimentos feministas. Esses movimentos abriram portas para que fossem enxergadas outras possibilidades sociais, não só para mulheres, cis ou trans¹¹, mas também para gays, lésbicas, bissexuais e qualquer pessoa que foge à lógica da heteronormatividade (WARNER, 1991).

A heteronormatividade (WARNER, 1991) refere-se a forma como, através de poderes construídos historicamente, os discursos agem sobre as nossas vivências e corpos pautando aquilo que vai importar, pesar (BUTLER, 1991) para a nossa sociedade. Assim, quando um corpo é anunciado como sendo um menino por ter um pênis, ele também deverá aderir a performances sociais constituídas como da ordem masculina: gostar de azul, jogar futebol, brincar de carrinhos, usar calças, cuidar da irmãzinha, ser mais forte, não se depilar e, para atingir um padrão ótimo, gostar de meninas - mas as meninas que tenham vagina, que se depilem, que gostem de rosa, que brinquem de bonecas, que queiram ser mães e por aí vai. É um verdadeiro quadro rígido que, a partir de atos performativos, desenha os gestos mais simples que devem ser aderidos por essa concepção binária de corpos - que constrói homens e mulheres. Qualquer fuga dessas lógicas pode gerar, em níveis diferentes, que se

¹¹ Cis é a pessoa que se identifica com o sexo/gênero que lhe é imposto, trans é o contrário.



alteram conforme outros contextos, violências que tentam corrigir/punir essas falhas. Travestis, por exemplo, por não se adequarem a lógica mais enrijecida em nossa sociedade, a de que o pênis pertence ao homem, sofrem uma série de opressões que as marginalizam socialmente¹².

Miskolci (2015), teórico *queer* brasileiro, coloca que “ao invés de refletir separadamente sobre raça, gênero ou sexualidade, podemos ver esses eixos de diferenciação social como marcas da diferença [...]” (MISKOLCI, 2015, p. 61). Isso porque esses aspectos não se excluem, eles se interseccionam motorizando diferentes níveis de opressões. Assim, uma mulher negra, por exemplo, devido aos rastros da escravidão e ao preconceito contra a população negra que se desdobra dela, não sofre preconceitos primeiro pelo seu gênero e em seguida pela sua raça, mas por esses dois marcadores que não se anulam, mas se atravessam (CRENSHAW, 2004). Entendendo o jornalismo como um poder simbólico que contribui para a noção de valores e normas da sociedade, que ensina e constrói realidades (VEIGA DA SILVA, FONSECA, 2011), abro espaço para refletir sobre como as marcas da diferença emergem nos espaços jornalísticos hegemônicos.

No nível noticioso não é preciso muito esforço para encontrar problemas na cobertura de acontecimentos que tratam das questões de gênero e sexualidade. Ainda que tenhamos avanços, como algumas matérias esporádicas com teor mais pedagógico, os preconceitos ainda são reverberados através do uso de termos que contribuem para a opressão das travestis - quando usam o masculino para se dirigirem a elas¹³ -, ou que tratam a disputa entre fundamentalistas e movimento LGBT com a falácia da imparcialidade jornalística. Em uma pesquisa que desenvolvi (GONZATTI, 2015) em torno das notícias relacionadas ao comercial da O Boticário no Dia dos Namorados, que trouxe casais de gays e lésbicas, era perceptível que o jornalismo massivo, reverberado por portais como G1 e Veja, em um primeiro momento, pautava o discurso LGBTfóbico de religiosos fundamentalistas como opinião, inclusive visibilizando vídeos do boicote à marca. Aí reside uma grande problemática, pois a LGBTfobia é levantada como violência apenas em agressões e assassinatos, quando na verdade ela emerge da sociedade e da cultura e está presente em diversos discursos sociais. Na construção da notícia, nos espaços em que são reverberadas as

¹² A autora Berenice Bento (2016) traz dados de pesquisa desenvolvida pelo Grupo Gay da Bahia: em 2014, 326 pessoas foram assassinadas no Brasil por serem LGBTs: 134 gays, 134 travestis, 14 lésbicas, 3 bissexuais, 7 amantes de travestis e 7 heterossexuais confundidos com homossexuais. Ela destaca que os dados, por serem de denúncias catalogadas por ONGs, não demonstram a real violência do país contra LGBTs, pois não há como registrar um crime como LGBTfobia, sem citar a resistência que muitas pessoas encontram em procurar os órgãos policiais por medo de sofrerem mais discriminação. Em relação às travestis/mulheres trans, há ainda uma forte marginalização social a partir da falta de oportunidades de emprego, patologização e violentos crimes de ódio, marcados por torturas.

¹³ Por exemplo: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2014/08/travesti-e-morto-facadas-na-regiao-leste-de-belo-horizonte-diz-pm.html>.



práticas jornalísticas, a valorização de aspectos socialmente construídos e impostos como da ordem masculina é dominante (VEIGA DA SILVA, FONSECA, 2011) - decorre que, pela falta de uma base pedagógica que se desdobre sobre as marcas das diferenças, e pelos privilégios que são articulados a postura heteronormativa nesses espaços¹⁴, a produção das notícias também é construída através de discursos preconceituosos como, por exemplo, um jornalista alerta o colega para ter cuidado ao entrevistar um homem gay e uma travesti, pois o respingo do cuspe deles poderia fazer com que ele ‘pegasse AIDS’. Os movimentos sociais, atentos a esses preconceitos, passaram, a partir das possibilidades da cultura digital, a desenvolver críticas a essas narrativas e a construir coletivos que reestruturam as noções essencialistas em torno do que seria jornalismo.

Aquino Bittencourt (2015) entende que os coletivos midiáticos possibilitam novas narrativas sobre os acontecimentos, não dependendo de grandes veículos para alcançarem visibilidade. Muitos deles buscam pela independência como motor dos processos de produção e circulação, desenvolvendo práticas que diferem dos modelos massivos. A autora destaca que eles são grupos, sites, plataformas que produzem, convergindo linguagens midiáticas (JENKINS, 2006) e espalham (JENKINS et al., 2013) conteúdos sobre protestos dentro e fora da rede podendo, ou não, participar de atos de rua. Tomo a liberdade de, aqui, ampliar o olhar em torno dos coletivos midiáticos para espaços como páginas ciberativistas (MALINI, ANTOUN, 2013), que através de atrizes e atores sociais *producers* (BRUNS, HIGHFIELD, 2012) articulam a produção e o uso em torno de conteúdos informativos, contribuem para o espalhamento e para a circulação em redes digitais (ZAGO, 2016) de informações em torno de questões não atendidas efetivamente pela mídia de massa, como as de gênero e sexualidade. Nesse ponto, uma análise que articula minha vivência como pesquisador *insider*¹⁵ (AMARAL, 2009) e a construção de uma amostra qualitativa intencional em torno da página Cartazes e Tirinhas LGBT, que atende aos pressupostos estabelecidos pela problemática articulada aos conceitos tensionados no artigo, traz considerações relevantes para as processualidades jornalísticas/informativas em redes digitais.

¹⁴ Os comentários são tomados a partir da aula de Marcia Veiga da Silva realizada no curso Comunicação, Gênero e Sexualidade, na UFRGS, em 2016.

¹⁵ Um pesquisador *insider* articula as suas vivências com a observação participante, tensionando a pesquisa a partir de sociabilidades aproximativas com os grupos que se relacionam ao objeto de referência. É uma técnica utilizada em pesquisas etnográficas, mas que, aqui, é apresentada a partir de traços de uma pesquisa maior em torno da cultura pop e da teoria *queer* que venho desenvolvendo.



4. Muito mais que cartazes e tirinhas

Meu olhar *insider* emerge da participação em grupos com administradores de páginas LGBTs, uma oportunidade que surgiu devido a administração de uma página que se dedica às temáticas de gênero e sexualidade articuladas à cultura pop: Diversidade Nerd¹⁶. Nessas dinâmicas, conheci uma pessoa que integra o grupo de editores da Cartazes e Tirinhas LGBT. Foi através dela que conheci algumas estratégias que esses grupos desenvolvem nas redes digitais, como não revelar as suas identidades para os públicos, pois atores preconceituosos se organizam tentando derrubar esses espaços e as atrizes e atores responsáveis por eles. O coletivo, inclusive, já saiu do ar algumas vezes e, por isso, criou uma plataforma reserva¹⁷. Passo a olhar aqui, portanto, algumas práticas notadas em torno do objeto de referência que remetem as possibilidades da convergência, do espalhamento e das marcas da diferença em redes digitais.

A Cartazes e Tirinhas LGBT possuía, no dia 08 de dezembro de 2016, mais de 600 mil curtidas no Facebook, espaço que é priorizado para a veiculação das publicações devido a maior participação dos públicos que compõem a rede digital. O primeiro aspecto que destaco é a curadoria de informações e a interação construída entre a página e outros espaços da rede digital. Há uma pesquisa humana em perfis, grupos, outras páginas, em outros sites, de conteúdos que são relevantes e informativos em relação às temáticas que remetem às marcas da diferença e que são, quando se encontram em modo público, printados e compartilhados, como demonstra a figura 1 - aqui, a convergência e o papel humano em contrapartida aos algoritmos (SAAD CORRÊA, BERTOCHI, 2012) rompem com algumas noções de uma bolha comunicativa tão potente quanto a desenha por Parisier (2012), pois se as pessoas que administram a página estão buscando discursos de ódio, por exemplo, em comentários de portais de notícias para a produção de conteúdo, ou ainda fugindo da sua linha do tempo a partir da ação em grupos, não é impossível imaginar que outras pessoas desenvolvem performances semelhantes nas redes digitais.

¹⁶ Link para a página: <https://www.facebook.com/diversidadnerd/?fref=ts>. Acesso: 20 fev. 2017.

¹⁷ Página reserva: <https://www.facebook.com/Cartazes-Tirinhas-LGBT-Reserva-1800869403533584/?fref=ts>. Acesso: 09 dez. 2016.



Fig. 1- Bissexuais Existem



Fonte: amostra qualitativa intencional construída pelo autor.

Alguns conteúdos produzidos, que remetem a ideia de *producer*, trazem sentidos que remetem ao humor e às fantasias, como demonstra a fig. 2, pressupostos que são apresentados por Jenkins, Ford e Green (2014) como sendo espalháveis. Muitas outras publicações são feitas a partir de narrativas humorísticas que buscam movimentar a reflexão sobre questões que não fazem parte de saberes visibilizados, ou ainda ressignificar as narrativas em torno da cultura pop a partir de *fanarts* com casais de gays e lésbicas (JENKINS, 2015), utilizando linguagens, em seu sentido verbal e visual, comuns às redes digitais.

Fig. 2 - Dragão Branco de Olhos Azuis



Fonte: amostra qualitativa intencional construída pelo autor.



As duas figuras apresentadas remetem a questões relacionadas às marcas das diferenças (MISKOLCI, 2014), como o preconceito em relação às pessoas bissexuais, que são, muitas vezes, tachadas de confusas, de gays ou lésbicas enrustidas, entre outros adjetivos, e o padrão de beleza eurocêntrico, que tanto na moda quanto na publicidade não representa a negritude efetivamente¹⁸. Eu, por exemplo, sempre penso na minha infância, no qual as três principais apresentadoras infantis eram Xuxa, Eliana e Angélica - em um país em que mais da metade da população é negra¹⁹. Há diversas pesquisas que apontam a problemática do eurocentrismo como padrão de beleza na América Latina, como o de Shoat e Stam (2006), um assunto frequente na página Cartazes e Tirinhas LGBT, assim como publicações que remetem aos estigmas em torno das pessoas com HIV, da crítica à extrema direita em nosso país, a defesa da legalização do aborto, a necessidade de políticas públicas para pessoas trans, entre outras. O campo de afetação desses saberes atravessa pessoas que, por desconhecimento, acabam reverberando preconceitos no seu cotidiano: é comum que, a partir das possibilidades interativas do Facebook, amigos marquem pessoas que precisam ler aquela informação e também que as editores e editores respondam à dúvidas e questionamentos que são levantados.

É importante tensionar a política de visibilidade das publicações possibilitada pelo Facebook - o que conversa com as questões em torno dos algoritmos. Uma publicação não impulsionada, as que não recebem um valor financeiro para alcançar mais pessoas, possui um número de alcance limitado e que varia conforme critérios algorítmicos pré-definidos - como não exceder 20% de texto e usar legendas com menos caracteres - no entanto, algumas estratégias conseguem quebrar essas imposições. Na página Cartazes e Tirinhas LGBT é possível notar que as imagens publicadas de outras páginas não são compartilhadas através do botão do Facebook, mas são salvas e republicadas com os créditos na linha do tempo do coletivo, assim como faz, por exemplo, a Feminismo Sem Demagogia²⁰, tornando praticamente impossível quantificar com exatidão a reverberação de um conteúdo através da rede digital. Outro ponto é que analisar a visibilidade de uma publicação a partir de curtidas e compartilhamentos não condiz, muitas vezes, com o alcance de determinado conteúdo - uma informação disponível apenas para as pessoas que editam e administram a página. Há, portanto, um cenário de transformação política e jornalística acionado pela ação de espaços como a página Cartazes e Tirinhas LGBT.

¹⁸ Para ler mais sobre: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/mulher-e-midia/pautas-midia/mulher-negra-e-invisivel-na-publicidade/> Acesso: 09 dez. 2016.

¹⁹ Fonte: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/12/04/negros-representam-54-da-populacao-do-pais-mas-sao-so-17-dos-mais-ricos.htm>. Acesso

²⁰ Feminismo Sem Demagogia: https://www.facebook.com/pg/FeminismoSemDemagogiaMarxiOriginal/?ref=page_internal, com mais de 1 milhão de curtidas.



5. Considerações finais

A minha vizinha também compartilhou algumas publicações do coletivo e passou a entender a relação do filho com uma mulher transexual. Gosto de acreditar que ela, a partir da sua afetação social, deve ter conscientizado outras pessoas sobre a questão trans. Um fato que parece simples, mas que ainda é forte quando olhamos os dados já apresentados em torno da vivência dessas mulheres, ou para a forma como gays, lésbicas e bissexuais também sofrem uma série de opressões sociais a partir da heteronormatividade que determina a forma como as pessoas devem existir para atingir um padrão ótimo. A página Cartazes e Tirinhas LGBT, ao ser composta por editores que compreendem e se dedicam a questões relacionadas às marcas da diferença, possibilita a construção de saberes que desencadeiam enfrentamentos dos preconceitos. Ela demonstra que há informações que circulam em rede a partir das possibilidades da convergência, na qual cada atriz/ator contribui com pesos e conexões diferentes, funcionando como nós que produzem e circulam notícias (ZAGO, 2016) e conteúdos informativos/pedagógicos, demonstrando que há, nos meios de comunicação, um potencial para transmitir saberes diferentes dos que nos são impostos (FISCHER, 2002).

As práticas acionadas pela análise da Cartazes e Tirinhas LGBT, assim como o corpo teórico desse artigo, remetem a questão da crise sistêmica (HENN, OLIVEIRA, 2015) na qual o jornalismo se encontra, que decorre, entre outros fatores, do papel comunicacional não pertencer mais somente aos grandes veículos através das potencialidades da internet. Ao focarmos no papel dos coletivos midiáticos como metáforas para modelos de negócios para o jornalismo, é possível ignorar a cultura participativa como espaço de transformações sociais a partir de diferentes lógicas de participação (SHIRKY, 2011). Nesse sentido, acredito que, como coloca Martín-Barbero (2009), devemos, também, nos voltar para as mediações, para as brechas e subversões das atrizes e atores sociais, para que não se caia, novamente, na falácia de não enxergar o receptor como uma pessoa ativa e que pode desenvolver caminhos diferentes daqueles colocados pela mídia tradicional/massiva.

Em relação ao jornalismo massivo, de grandes portais de notícias, pensando nas temáticas relacionadas às marcas das diferenças, o imperativo de alcançar melhores métricas tem guiado, a partir dos algoritmos, produções que não focam em conteúdos capazes de formar melhores cidadãos e cidadãs e problematizar os preconceitos - e o problema nem é o entretenimento, mas a forma como ele é apropriado pois, como a página Cartazes e Tirinhas LGBT demonstra, é possível articular humor, fantasias e temas socioculturais relevantes sem um texto extenso e complexo, que muitas vezes parece ignorar a realidade social do país, na qual nem todas/todos as/os



leitoras/leitores são acadêmicas e acadêmicos. A lógica mercadológica, na qual o clique é o sucesso, segue preceitos que ainda remetem, por exemplo, aos anos 80, quando jornais produziram anúncios sobre o perigo dos gays para as famílias tradicionais devido ao vírus HIV ou, ainda, as peças de teatro sem mulheres, que eram ‘vendáveis’ por respeitarem os padrões normativos, assim como filmes sem negros e negras e LGBT’s. Mais do que invocar as críticas ao sistema hipercapitalista, é importante pensar nas bases sobre os quais esse sistema se instaurou: masculinas, heterossexuais, cisgêneras (pessoas que se identificam com o gênero que é imposto no nascimento), brancas e ocidentais. E a questão não é uma inversão de posição e privilégios, por exemplo, gay-hetero, mas a construção de um fazer jornalístico multicultural que seja transformador de problemas sociais que vão além do sucesso econômico de uma empresa jornalística.

Para avançarmos no respeito às alteridades precisamos combater os discursos preconceituosos através de representatividades, de disputas agonísticas e de uma certa dose de coragem e não de silenciamento. Há, na atualidade, uma proliferação de discursos de ódio recorrente que, em partes, emergem dos avanços conquistados pelos feminismos, pelas pessoas LGBT’s e pelo ativismo racial. Deixar de se desdobrar sobre essas questões, de citar os/as atores/atrizes sociais que potencializam os preconceitos, não irá fazer com que avanços políticos, sociais e culturais sejam conquistados, apenas irá neutralizar a cena confortando somente aqueles que se encontram mais próximos do padrão heteronormativo. É necessário enfrentamento e espaços como a página Cartazes e Tirinhas e LGBT em todos os âmbitos sociais, algo que, como a história nos demonstra, só emerge através de ativismos. Nesse sentido, gosto da frase que circula pelos sites de redes sociais com determinada frequência: o “negro não volta para a senzala, o gay não volta para o armário e nem a mulher para a cozinha”.

Referências

AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. *Revista Fronteiras*, v. 11, n. 1, 2009.

AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara. As narrativas colaborativas nos protestos de 2013 no Brasil: mediação do ativismo, espalhamento e convergência. *Revista Latinoamericana Comunicación*, v. 1, p. 325-343, 2015.

AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara. *Convergência entre televisão e web: proposta de categorização analítica*. 2012. Xfs. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENTO, Berenice. Verônica Bolina e o transfeminicídio no Brasil. *Cult*, São Paulo: Editora Bregantini, nº 202, ano 18, jun, 2015.



- BRUNS, Axel; HIGHFIELD, Tim. Blogs, Twitter, and breaking news: the produsage of citizen journalism. In: LIND, Rebecca Ann (Ed.) *Producing theory in a digital world: the intersection of audiences and production in contemporary theory*. New York: Peter Lang Publishing Inc, pp. 15-32, 2012.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In.: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. Cruzamento: raça e gênero, Brasília: *Unifem*, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/lfbEzB>>. Acesso em: 27 ago. 2016.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.
- GONZATTI, Christian, AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara. Da propaganda ao acontecimento: os sentidos inaugurados pelo vídeo de Dia dos Namorados da marca O Boticário nos sites de redes sociais. *Livro de Destaques: Feira de Iniciação Científica 2015-ciência, tecnologia e inovação*. Novo Hamburgo: Feevale, 2015.
- GONZATTI, Christian; ESMITIZ, Francielle; SCOPEL, Vanessa. De clarina a loewins: articulações entre ciberacontecimentos, questões de gênero e sexualidade e publicidade e propaganda em sites de redes sociais. *Anais do VII Seminário de Mídia e Cultura*, Goiânia, PPGCOM/FIC/UFG, 2015.
- HENN, Ronaldo; OLIVEIRA, Felipe de. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. *Famecos*. Porto Alegre, v. 22, n. 3, julho, agosto e setembro de 2015.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- JENKINS, Henry. *Invasores do texto: fãs e cultura participativa*. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2015.
- JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. Introdução. In: JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *@internet e #rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Editora Sulina: 2013.
- MARCONI, Dieison. *Documentário queer no sul do Brasil (2000 a 2014): narrativas transsexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT*. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2015.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RECUERO, Raquel. *A conversa em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- SAAD CORRÊA, Elizabeth.; BERTOCHI, Daniela. O algoritmo curador. O papel do comunicador num cenário de curadoria algorítmica. *Compós*, Universidade Federal de Juiz de Fora, junho, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/78hnjR>>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.



SWAIN, Tania Navarro. *De deusa à bruxa: uma história de silêncio*, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/1y3w7M>>. Acesso em: 27 out. 2016.

VEIGA DA SILVA, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. A contribuição do jornalismo para a reprodução de desigualdades: um estudo etnográfico sobre a produção de notícias. *Verso e Reverso*, XXV(60):183-192, setembro-dezembro, 2011.

WARNER, Michael. *Fear of a queer planet: queer politics and social theory*. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 1991.

